

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP



**Estação
das Letras
e Cores**

Sob as lentes do digital

Elizabeth Saad

Optei por abordar este relato com um olhar de que estudos e pesquisas contemporâneos nos campos das Ciências da Comunicação e do Jornalismo ocupam um lugar diferencial e central na nossa sociedade. Assim, vou discorrer sobre o percurso desta pesquisadora atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, por meio de etapas que refletem minha autoreflexão e que possam indicar o porvir.

Em busca de um posicionamento

Resiliência – centralidade – transversalidade são a tríade apresentada aqui em ordem inversa daquela originalmente expressa (SAAD CORRÊA, 2015), que têm direcionado minha atuação no campo de Ciências da Comunicação e das práticas epistêmico-pedagógicas que me inspiram na docência e pesquisa de pós-graduação. Embora tal *insight* sobre a tríade tenha ocorrido em 2015, já em meio à atuação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ressalto que os conceitos e respectivas conexões estavam configurados anteriormente por diversos autores do campo. Apenas, para mim, foi o ponto de inflexão.

O narrar de si numa perspectiva temporal e intelectual – desde 1988, momento de meu ingresso como docente do Departamento de

Jornalismo e Editoração e, a partir de 1997, integrando a pós-graduação – traz algum embate entre a objetividade acadêmica e os aspectos pessoais, emocionais e espirituais que permeiam a constituição do ser. Minha escolha neste relato é apagar eventuais embates e trazer à tona agregações e interconexões.

Antes de assumir a tríade como condutora de meu posicionamento acadêmico, gostaria de enfatizar alguns conceitos e termos que servem de base à compreensão aos desenvolvimentos a serem relatados.

Hibridismo é o primeiro ponto. Reflete as origens intelectuais que evoluíram para o atual momento: graduação e mestrado uspianos em gestão de empresas, decorrentes de vivências escolares anteriores baseadas em humanismo e que desembocaram numa visão de mundo sistêmico-organizativa; proximidade intrínseca à tecnologia e seus desenvolvimentos na atuação profissional, inicialmente em ambientes corporativos; interesse e envolvimento inerentes sobre o narrar acontecimentos e daí ao jornalismo e ao jornal.

O segundo ponto refere-se ao termo e conceito “tecnologia”. Tal hibridismo formador me conduziu a uma atuação no campo da pesquisa e desenvolvimento (P&D) tecnológicos, trazendo um envolvimento cotidiano em organizações públicas e privadas que possuíam atividades neste recorte, especialmente na constituição de estratégias para a absorção de tecnologias que trouxessem para o âmbito nacional uma necessária autonomia socioeconômica. Este foi o momento que iniciou meu envolvimento com objetos técnicos, como desenvolvimento de chips e placas eletrônicas para computadores (esses ainda em modelos que hoje consideramos jurássicos); participação na construção de políticas públicas para objetos informáticos no país; e os primeiros contatos com a *BitNet* e sua evolução, trazendo para a sociedade a lógica de uso de redes informáticas, suas múltiplas aplicações, a configuração da rede mundial de computadores e a instalação do termo “digital” em nossas vidas.

O terceiro ponto, é claro, refere-se ao próprio digital. À compreensão de como se transformam processos, operações, formas e meios de comunicação à lógica de dados, à redução, por exemplo, de uma mensagem textual em sinais eletrônicos de zeros e uns (os bits) para

que ela pudesse ser transmitida rápida e integralmente para qualquer outro ponto conectado a um computador. O termo digital não se refere a uma tecnologia ou método específicos, mas sim, a uma adjetivação acoplada a qualquer atividade que ocorra em ambientes informáticos.

Retomando a tríade que pontuei no início deste relato, resiliência – centralidade – transversalidade, associando à segunda tríade conceitual, hibridismo – tecnologia – digital, dei início ao meu desenvolvimento acadêmico por meio de produções em mestrado e doutorado, e sequência à carreira docente e de pesquisa buscando (inter) conectar tudo, numa postura de entender e transmitir às formações de graduação e pós-graduação estudos e pesquisas da transformação que os campos de Ciências da Comunicação e Jornalismo ainda passam por conta da digitalização irreversível “de tudo”.

Tais escolhas temáticas sinalizaram que eu adentrava em um campo, inicialmente controverso para o tradicionalismo constituído nas pesquisas em comunicação e jornalismo e, atualmente, mais reflexivo aos processos de inovação, seja tecnológica, seja na linguagem e na propagação de mensagens por meio de múltiplos e novos suportes. De toda forma, escolhi e ainda escolho avançar na direção da inovação e na possibilidade de atuar ensinando e pesquisando um tema complexo, mutante.

A partir do ponto de inflexão que indiquei, surgiram diversos questionamentos: Como conciliar campos e conteúdos? Como evitar o determinismo tecnológico? Como preservar e, ao mesmo tempo, atualizar deontologias, ontologias, abordagens epistemológicas, métodos de pesquisa consolidados? Como oferecer disciplinas, orientar futuros pesquisadores em tal cenário? Tudo isso sem um posicionamento de embate acadêmico e valorização da cordialidade entre pares. Tudo isso tendo claro que o campo da comunicação tem um papel indiscutível de centralidade no tecido social contemporâneo.

O digital como ponto de inflexão resiliente

A marca deste tempo foi a centralidade comunicativa clássica. Falamos do período pós WWW e o famoso estouro da bolha; e início da web social (2001-2010).

Um primeiro momento de meu percurso exigiu a conciliação dos campos profissional, acadêmico, científico e epistêmico (SILVA, 2009)¹, exigindo uma postura resiliente para adequação, adaptação de todo um conjunto de novas abordagens que vinham ocorrendo com o surgimento da internet e sua consolidação por meio do WWW, que foi moldando a rede digital a partir de 1992 e, mais fortemente, a partir do estouro da “bolha” dos novos empreendimentos digitais.

Naquele momento, diferentes autores apontavam estudos e pesquisas focados no mediocentrismo e no questionamento (ou não) do determinismo tecnológico que punham em xeque “num movimento pendular entre a primazia dos meios tecnológicos de informação, e seus múltiplos desdobramentos, ou a leitura alargada do fenômeno comunicativo na vida do ser humano” (SILVA, 2009, p. 1). A autora opta por caracterizar o direcionamento do campo como de *condição midiática*.

Assim, minha atuação no ensino e pesquisa objetivavam abordar de forma introdutória a relação entre internet e meios digitais com os meios de comunicação, suas linguagens e propostas de negócio. À época, ainda prevaleciam o protagonismo da mídia clássica, o conjunto de referenciais teóricos e os recortes epistemológicos também ancorados no referencial consolidado.

O panorama delineado naquele momento teve como foco temático a caracterização do campo jornalístico no digital, e possibilitou, no período de 1998 a 2003, a oferta da disciplina “Um novo mundo (virtual) para a informação jornalística na web”; e uma reciclagem, a partir de 2004, da mesma disciplina objetivando sua adequação às mudanças inerentes ao período, deslocando seu foco central para aplicações múltiplas que o digital trazia para o campo das Ciências da Comunicação: “A informação eletrônica em questão: os pensadores do ciberespaço”. A proposta, mantida até o presente, oferece, a cada ano de ministração, um conteúdo teórico-conceitual-aplicado que reflete não apenas o momento, mas primordialmente um conjunto referencial que indique inovações e tendências. É uma disciplina “mutante” tal e qual meu objeto de pesquisa.

¹ Referencio-me às reflexões da Prof^a Dr^a Gislene Silva que toma por base a discussão do Jornalismo e dos entranhamentos que emergem a partir do conceito de campo de Pierre Bourdieu e que, para o caso do Jornalismo e, ousou ampliar para a Comunicação, constitui-se numa inseparabilidade entrecampos.

Também, neste período, constituí, em 2006, o COM+ – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mídia e Jornalismo Digitais registrado no CNPq e na Comissão de Pesquisa da ECA-USP, para abrigar Iniciação Científica, mestrandos, doutorandos, pós-doutorados e docentes visitantes e, inclusive, para a produção e publicação de conteúdos múltiplos – artigos em periódicos nacionais e internacionais; livros; e material na mídia não acadêmica.

Em decorrência do desenvolvimento de pesquisas e da evolução na titulação da carreira na USP, publiquei, em 2003, pela Editora SENAC-SP, o livro *Estratégias para a mídia digital: internet, informação e comunicação*, atualmente em 3ª edição, já com o título atualizado para “estratégias 2.0”. No período, publicamos a primeira produção coletiva do COM+, *Curadoria digital*, em formato de e-book.

É possível caracterizar os primeiros anos de adequação temática como um meio de apresentação e disseminação de conceitos, práticas e autores, cujos recortes e abordagens teóricas passavam pela identificação de formatos narrativos, por uma espécie de separação das atividades e práticas comunicativas “do digital”, sem, entretanto, enveredar pela amplificação da digitalização pela sociedade.

Importante ressaltar que, epistemologicamente e para o direcionamento de minha atividade de docência e pesquisa, tal ideia de separação temática – comunicação digital, jornalismo on-line, entre os mais citados na literatura brasileira, teve uma espécie de prazo de validade. Na mesma linha, conceitos de cibercultura e ciberespaço vão perdendo o protagonismo como norteadores epistemológicos.

Seguindo nesta narrativa, justifico o posicionamento.

Primeiras transversalidades

Minha proposta epistemológica, a partir da segunda metade dos anos 2000, buscou um acompanhamento da própria evolução do pensamento amplo da digitalização social. A marca deste tempo, até os dias atuais, define-se como abertura de horizontes e olhares transversais. Visões que aplico para todas as vertentes da pós-graduação.

Destaca-se o surgimento dos *internet studies* e do *digital journalism studies* como organizadores epistemológicos e ontológicos das

pesquisas e das formações em pós-graduação. Tais vertentes se caracterizam pela introdução da ideia de digitalização como transformadora dos processos de comunicação e informação. A chamada “produção de conteúdo”, já apropriada dos aspectos técnicos de hipertextualidade e intermedialidade, passa a configurar formatos narrativos, transformações nos hábitos e comportamentos, impactos nos processos de sociabilidade e no surgimento de meios de comunicação e interação abrigados para além da lógica da tela de computador, configurando dispositivos móveis, como suportes midiáticos e de relacionamento interpessoal.

Também emergem as discussões sobre a constituição de redes na sociedade, ativadas pelos dispositivos técnicos – os primeiros olhares para a digitalização sob o ponto de vista sociotécnico e, portanto, para transversalidades especialmente com outros campos das ciências humanas, a exemplo da sociologia, antropologia e psicologia.

É a partir deste período que a disciplina de pós-graduação, embora com o mesmo nome, evolui de um conjunto autoral para um conjunto de referências calcadas nos *internet studies* – Mark Deuze, Ramón Salaverría, Manuel Castells, Christian Fuchs, Bruno Latour, William Dutton; e no Brasil, Suzana Barbosa, Marcos Palácios e André Lemos. Na mesma direção, as atividades de pesquisa do grupo COM+ seguem numa produção continuada de publicações, não apenas nos trabalhos de cada participante, mas também na produção coletiva focada na disseminação para um público mais amplo das lógicas de redes digitais e nos processos de sociabilidade decorrentes. São produzidos os livros *Tendências da Comunicação – volumes 1 e 2*, em formato de e-book; e *Visibilidade e consumo da informação na sociedade digital* em formato impresso, com financiamento Fapesp.

Também é o momento da consolidação das plataformas sociais digitais como canais de comunicação, interação e transações, quando o grupo COM+ estabelece nelas, sua presença com o objetivo de disseminação de pesquisas, indicação de tendências e inovações para aplicação nos campos da comunicação e do jornalismo.

Mas, reforçando o que afirmamos ao longo deste texto, a cena digitalizada é mutante, criando ciclos de inovação e, especialmente, de questionamento dos rumos do cotidiano, da opinião pública e dos formatos

narrativos. É o momento de retomar os autores clássicos de nosso campo, buscando uma compreensão mais alargada dos fenômenos sociais: Edgar Morin, Delleuze & Guattari, Baudrillard, McLuhan somam-se ao conjunto autoral direcionado ao entendimento do digital.

Passamos por um novo reciclar de conceitos, recortes epistemológicos e referencial autoral.

A sociedade digitalizada, a comunicação plataformizada, a sociedade polarizada

Os anos recentes, especialmente a partir de 2016, quando os movimentos sociais no mundo ocidental passam a ocorrer como fenômenos hibridizados, onde os acontecimentos e transformações literalmente navegam entre telas e ruas, exigiu-se uma adicional mirada epistemológica para abarcar a velocidade dos acontecimentos, das formas de comunicação e sociabilidade decorrentes. Sem, evidentemente, desconsiderar o conjunto referencial já constituído.

Outros protagonistas surgem com força na sociedade conectada à rede: as empresas privadas detentoras de ferramentas de gestão sociotécnica da rede e, claro, de todos nós. As *big techs* – Google (Alphabet), Meta (Facebook, Instagram e WhatsApp), Apple, Microsoft, IBM, Adobe, Amazon –, passam a conduzir a governança das redes digitais pela concentração em sistemas plataformizados que controlam a técnica e a sociabilidade por meio de aplicativos que determinam formatos de comportamento e comunicação em conformidade aos interesses econômicos dos seus detentores.

Hábitos de consumo, formas de relacionamento, mensagens e publicações, visibilidade, autonomia de expressividade e de linguagens, formatos de narrativas visuais são alguns dos fenômenos que emergiram como necessários ao campo da comunicação e seu papel numa sociedade extremamente digitalizada e governada.

A proposta de estudos e pesquisas sobre a digitalização no campo da comunicação e do jornalismo amplia-se ainda mais, cujo caráter de transversalidade se faz necessário. Como entender a modulação algorítmica gerenciada pelas plataformas e que direciona

opiniões, desejos e necessidades sociais? Como entender que tais modulações promovem um contínuo cenário de desinformação e de polarização? Como discutir os papéis legítimos de entes comunicativos – o jornalismo em especial? Como pesquisar, por exemplo, processos de visibilidade generalizada de entes sociais? Ou ainda, como pensar nos aspectos amplificados de consumo que vão além de bens e serviços materiais e passam a oferecer imaterialidades de alto valor comunicativo?

O que vivenciamos, desde então, como pesquisadores não é exatamente uma busca de respostas, mas sim uma proposta de readequação epistemológica e dos referenciais já consolidados.

Dados digitalizados protagonizam todos estes movimentos e acontecimentos. São bens imateriais que governam a rede e que são decorrentes de configurações técnicas informáticas e matemáticas que induzem correlações entre eles para a geração de algum tipo de ação-reação na sociedade. É o momento de entender tais processos técnicos e, principalmente, questionar o panorama cotidiano. É o momento da inclusão de visões autorais mais recentes, como Nick Coul-dry, Shoshana Zuboff, Jose Van Dijck que vão direto ao ponto quando se pensa em plataformas sociais digitais, em algoritimização, em intencionalidades. Também é o momento de pensar os processos comunicativos sob os pontos de vista da midiatização e das mediações, referenciando Andreas Hepp, Stig Hjarvard, Jesús Martin Barbero, como fortes referências.

Esta etapa recente dos estudos de comunicação na sociedade digitalizada traz, ainda, um significativo conjunto autoral de pesquisadores brasileiros que, para não cometer esquecimentos, não citarei nominalmente. De toda forma, vivenciamos um panorama robusto. Com isso, nossos desenvolvimentos acadêmicos, seja individualmente, seja por meio do grupo COM+, ganham um espectro epistemológico bastante alargado, com publicações, orientações de mestrado e doutorado focadas nos fenômenos comunicativos recentes. A produção de mais um livro coletivo, *Caminhos da Comunicação – 2020*, em formato impresso – reflete o cenário.

Lembrete final

Ao longo de quase três décadas de atuação acadêmica em nível de pós-graduação fica o aprendizado de que tomar o digital como adjetivação e foco para estudos e pesquisas é uma experiência que nos faz percorrer mais por incertezas do que por afirmações, nos leva a questionamentos e revezes que são inerentes à própria ideia de vivenciar um campo epistemológico eternamente “em construção”, é assumir uma maturidade para aceitar mudanças de rumos como algo natural e necessário se escolhermos novas descobertas.

É, por fim, atuar num contexto que revigora e traz incríveis momentos de satisfação quando percebemos nosso percurso e, pedindo licença a McLuhan, não olhamos pelo retrovisor.

Referências

- SAAD CORRÊA, E. Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da comunicação. *In*: ROMANCINI, R.; LOPES, M. I. V. de (Org.). CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO IBERCOM, XIV, 2015, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ECA-USP, 2015.
- SILVA, G. De que campo do jornalismo estamos falando? **MATRIZES**, v. 3, n. 1, p. 197-212, 2009. ISSN: 1982-2073. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012785011>. Acesso em: 16 out. 2022.
- SILVA, G. Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do jornalismo. **E-Compós**, v. 12, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2009.